**SUBJETIVIDADE INFANTIL E ESCOLA DE EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS**

*PISANESCHI, Lucilene S..C[[1]](#footnote-1)*

Trabalho financiado pela CAPES

**EIXO TEMÁTICO:** Participação das crianças em pesquisas e na gestão institucional

**RESUMO**

Com o objetivo compreender as influências das relações socioculturais tecidas na escola de educação de crianças na construção da subjetividade infantil realizamos, por meio da observação participante, uma investigação qualitativa que procurou identificar os elementos que atuam, predominantemente, na negação da individuação dos pequenos. Tendo como arcabouço teórico-metodológico a Teoria Crítica frankfurtiana, em especial, a dialética negativa adorniana, a pesquisa desvelou os elementos que têm corroborado para a da negação da subjetividade infantil, bem como as formas de resistência produzidas pelos pequenos diante de tal realidade.

Palavras-Chave: Criança; Educação infantil; Infância; Subjetividade; Teoria Crítica

**INTRODUÇÃO**

A pesquisa em questão foi realizada durante os estudos de doutoramento e teve como objetivo compreender as influencias das relações socioculturais produzidas na escola de crianças na construção da subjetividade infantil.

Partindo do pressuposto de que a criança precisa mais do que, apenas, ser aclamada em seus direitos e individualidades é que tomamos como objeto da investigação a *subjetividade infantil*. O pressuposto que direcionou o estudo doutoral pautou-se na hipótese de que *a escola de crianças atua de maneira privilegiada no percurso de individuação infantil*. Tal hipótese nos levou à seguinte indagação: como as relações socioculturais produzidas entre as crianças e entre elas e os adultos, nos contextos escolares, interferem na construção da subjetividade infantil?

É preciso considerar, entretanto, que do ponto de vista da formação psicossocial, a contemporaneidade conta com a participação, simultânea, de outras instâncias que atuam, não somente, sobre a subjetividade dos pequenos como também, sobre os adultos responsáveis pela sua educação.

Na empiria, realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil da cidade de São Paulo (EMEI)[[2]](#footnote-2), por meio da dialética presente nas relações sociais e culturais estabelecidas entre as crianças e entre elas e os adultos, identificamos os elementos que têm avançado e os que se têm mantido regredidos no âmbito da subjetividade das crianças.

A pesquisa empírica foi precedida por um estudo histórico que, a partir do resgate das imagens de criança e de infância que têm predominado no Brasil entre os séculos XIX e XXI, procurou localizar as mudanças e as permanências das formas como os adultos têm, hegemonicamente, percebido os pequenos. Neste percurso, destacamos o papel da Indústria cultural como um fenômeno que tem operado a favor da negação das subjetividades infantis.

A Teoria Crítica da sociedade, em especial os autores da primeira geração da Escola de Frankfurt, nos forneceu as bases teórico-metodológicas a partir das quais impetramos a análise desenvolvida. A opção pela teoria crítica frankfurtiana se deu em função da profundidade e da atualidade do pensamento dos seus pesquisadores que ao discutirem os mecanismos de dominação e controle fabricados pela sociedade capitalista sinalizam, também, para a possibilidade de se pensar em meio à regressão, caminhos possíveis de resistência.

Na sequência, apresentaremos os instrumentais, os procedimentos e a síntese dos elementos que orientaram o percurso analítico. Por fim, são expostas as conclusões, sempre provisórias do percurso do trabalho.

**AS TRILHAS DA PESQUISA**

As escolhas feitas em uma investigação acadêmica pressupõem uma opção política do pesquisador e remetem a uma determinada forma de conceber o mundo e o papel que se pretende exercer sobre ele. É a partir de tal opção que os itinerários teórico-metodológicos dessa investigação foram delineados.

A pesquisa com crianças se constitui, como nos dizem Kramer *et al.* (2002, p. 45), em um “[...] campo temático de natureza interdisciplinar [...]”, não uniforme e tampouco unânime. Tal característica se traduz nos diversos modos de “ler e se apropriar das teorias”, nas variadas portas de entrada, nas distintas abordagens, posições e temas de interesse presentes nas investigações na área.

No âmbito da presente tese, a subjetividade infantil, objeto que orientou a pesquisa, foi estabelecida em razão de entendermos que a real consideração das crianças, enquanto sujeitos sociais de direitos, passa pelo reconhecimento das suas individualidades. Tal reconhecimento as situa para além de uma concepção abstrata, heteronômica e idealizada.

Essa individualidade vincula-se, de forma inerente, às relações socioculturais estabelecidas com os pequenos. Por entender que tais relações carregam componentes que tanto nos apresentam os avanços conquistados em relação à criança e suas infâncias quanto expõem o que se mantém regredido nesse campo, é que optamos por associar a pesquisa empírica a um estudo histórico.

Este último pautou-se na realização de pesquisas bibliográfica e imagético-documental[[3]](#footnote-3) produzidas entre os séculos XIX e XXI.

A empiria[[4]](#footnote-4), por sua vez, nos levou a olhar para a realidade escolar onde as relações entre crianças e adultos são tecidas e para as múltiplas formas de expressividade dos pequenos como princípio para a consecução de uma pesquisa que tem como objeto a subjetividade infantil.

Diante de tal contexto, procuramos:

1. Compreender, na contemporaneidade, qual o papel assumido pela indústria cultural frente à negação da subjetividade infantil;
2. Analisar os elementos presentes nas relações socioculturais, tecidas na escola de educação de crianças, que tem negado a subjetividade infantil;
3. Identificar as formas de resistências produzidas pelas crianças, dentro da escola de educação infantil, frente às relações socioculturais que negam as suas subjetividades.

Tais objetivos nos levaram a tomar como interlocutores pensadores que têm como princípios teóricos a provisoriedade e a não linearidade da história; a historicidade presente na construção da infância e da subjetividade infantil e o necessário desvelamento da realidade sociocultural onde tais construções têm sido elaboradas e perpetuadas.

Assim, ao lado debates acerca da sociedade capitalista na contemporaneidade e suas implicações no processo de construção das subjetividades, travados por pensadores como Herbert Marcuse (1973;1975;1978;1997), Max Horkheimer (1956; 1983;1985), Theodor Adorno (1986;1989;2006;2009;2012;2015) e Walter Benjamim (1996; 2002;2014) seguiram-se as contribuições dos pesquisadores da Sociologia da Infância e da psicologia social[[5]](#footnote-5).

A categoria central (subjetividade infantil) foi a única a ser estabelecida previamente, as demais[[6]](#footnote-6) foram emergindo no decorrer da investigação.

**Instrumentos e procedimentos da pesquisa**

Ao procurar, a partir das relações socioculturais tecidas na escola de criança, analisar os elementos que interferem na construção da subjetividade infantil, decidimos fazê-lo a partir de uma abordagem qualitativa sendo a observação participante, instrumento privilegiado na condução da pesquisa[[7]](#footnote-7)

Este instrumental solicitou um registro sistemático das cenas vivenciadas no cotidiano da EMEI. Como instrumentos de registro do percurso trilhado, utilizamos cadernos de anotações, fotos, filmagens e gravações de áudios. Tais recursos nos ajudaram a rememorar as situações experienciadas com as crianças.

As crianças utilizam diferentes maneiras de significar o mundo, significações estas que nos comunicam as percepções que têm da realidade sociocultural que as cerca. A forma de trazer as falas e os silêncios dos pequenos que nos pareceu mais adequada, diante da necessidade de articulação entre subjetividade, infância e escola de educação infantil, foi a partir da apresentação de cenas que trouxeram à luz os pequenos em suas múltiplas interações.

O conceito de cena aqui utilizado remete ao termo latino *scena*[[8]](#footnote-8) e vincula-se, sobretudo, à compreensão da história como um entrecruzamento de temporalidades que, não apenas rompe com a ideia de linearidade, como também dialoga com o interesse das crianças pelos fragmentos, interesse esse que as permite reconhecer “[...] nos restos o rosto que o mundo das coisas lhes mostra [...]” (BENJAMIM, 2014b, p. 246).

A algumas situações encenadas, seguiu-se a inserção dos desenhos e das narrativas dos pequenos. Os desenhos seguiram duas estratégias de elaboração: a primeira pautou-se na orientação temática; a segunda, no desenho livre, sem qualquer tipo de intervenção da pesquisadora.

O comum entre as duas foi a conversa tida com as crianças assim que concluíam suas produções. Nessas duas perspectivas (temática e livre) foram organizadas situações onde os pequenos podiam produzir individual ou coletivamente, seus desenhos.

As produções temáticas foram orientadas pelas seguintes comandas:

a) fazer um desenho de si mesma;

b) desenhar o que mais gosta de fazer.

Tendo em mãos os desenhos dos pequenos, colocamo-los em diálogo com as cenas observadas. Neste momento, entretanto, sentimos a necessidade de lançar mão de mais um instrumental: um questionário respondido pelas famílias no início do ano de 2017 e que passou a compor o Projeto Político Pedagógico da EMEI. Nele, foi possível verificar as discrepâncias entre as falas das crianças sobre si e a dos adultos que não estavam diretamente envolvidos na pesquisa. Para compreender mais amplamente o posicionamento destes adultos, realizamos uma roda de conversa com 20 mães.

Nossas intenções foram:

1. Contrapor as imagens que os pequenos têm de si próprios com as formas como os adultos as concebem;
2. Confrontar os gostos dos pequenos em relação ao que os adultos julgam ser suas preferências.

**IMAGENS E NARRATIVAS INFANTIS**

**O que se comunica acerca das crianças e o que os pequenos narram de si...**

O entrecruzamento entre o estudo histórico e o empírico nos possibilitou localizar as mudanças e as permanências das concepções e das imagens delas decorrentes acerca da criança e das suas infâncias.

Da inocência a ser preservada à rebeldia a ser combatida; de mercado consumidor em potencial à mercadoria a ser consumida, o princípio do ajustamento e do enquadramento social das crianças tem se mantido em um movimento em que as suas subjetividades acabam, sistematicamente, negadas.

Entre a naturalização, a paparicação e a moralização da infância a mercantilização tem assumido lugar de destaque, na contemporaneidade. Sujeito e objeto se indiferenciam mediados pela ação pseudoformativa da Indústria Cultural que para alimentar a lógica desenfreada do consumo, promove a universalização de padrões de conduta e estilos de vida operando a favor da reificação das crianças e das suas infâncias.

À empiria foi lançado um olhar que buscou compreender a intersecção entre a formação subjetiva da criança e o cenário econômico, social e cultural que tem caracterizado a realidade objetiva que tem sido tecida ao longo da contemporaneidade.

Nesse sentido, a teoria crítica frankfurtiana serviu-nos de base teórico-metodológica para a compreensão dos elementos que têm atuado sobre a construção da subjetivada infantil.

A dialética negativa adorniana orientou as análises situacionais que emergiram durante a investigação. Dessa forma, o estudo realizado procurou considerar as contradições e as ambiguidades presentes nas relações socioculturais estabelecidas entre as crianças e, entre elas e os adultos. Nesse percurso, procuramos destacar os elementos que têm avançado e os que tem se mantido regredidos na esfera da formação psicossocial das crianças.

Foram apresentadas doze cenas que nos forneceram as categorias que conduziram as análises. Cada uma delas expôs as mudanças e as permanências relativas às formas de se ver os pequenos, de interpretar suas infâncias e de se considerar o papel da escola de educação infantil.

Dentre as permanências foi possível identificar a continuidade de conteúdos de dominação social em relação às crianças que se expressam no cotidiano relacional com elas estabelecidas e que primam pela negação das suas subjetividades.

Nessa direção, relações de cunho autoritário e repressor foram identificados em situações regidas pela disciplinarização dos corpos e das mentes dos pequenos. Padrões heteronômicos, universalizantes, antidialógicos e de celebração do controle exacerbado se revelaram, ainda, presentes e hegemônicos nos contextos relacionais produzidos na escola de crianças.

Entretanto, em meio às permanências, as resistências produzidas pelos pequenos, também se fizeram presente. A linguagem infantil, em sua múltipla dimensionalidade, e as experiências das crianças têm consubstanciado percursos possíveis de transgressão e resistência à objetificação a que estão, sistematicamente, submetidas.

Do ponto de vista das mudanças, o que se destacaram foram as formas que a contemporaneidade tem lançado mão para promover a reificação das crianças. Nesse sentido, a supervalorização dos pequenos transvestida com o discurso da autonomia, tem contraditoriamente, instaurado novas maneiras de negação da subjetividade infantil.

A naturalização com que o abandono, a ausência de diálogo e os quereres das crianças têm sido tratados não apenas camufla as diferenças de ordem econômico-social, como também, desconsideram as individualidades dos pequenos. Dessa forma, atualizam-se sob novas roupagens os mecanismos de enquadramento e adaptação cega que universalizam a criança e suas infâncias.

A escola, enquanto instituição socialmente construída não está alheia a esse processo. Nela, reproduzem-se instrumentos de adequação e controle mediados pelas relações socioculturais estabelecidas com os pequenos que se refletem na cotidianidade da EMEI.

Por outro lado, essa mesma escola se apresenta como um *locus* de encontro de subjetividades em constante formação. Nela, as experiências infantis se processam desvelando a percepção dos pequenos acerca do mundo, do “Outro” e de si mesmos.

Mediadas por diferentes formas comunicativo-expressivas, as experiências das crianças não apenas atribuem novos significados à realidade vivida como apontam possíveis e diferentes caminhos a serem seguidos.

Em um processo que articula de forma indissociável elementos de ordem objetiva e subjetiva; coletiva e individual, as subjetividades infantis seguem em um permanente movimento de construção-desconstrução-reconstrução.

A escola de educação de crianças atua de forma privilegiada nesse movimento. Ao manter, mesmo enquanto promessa, o papel de um dos agentes envolvidos no processo de emancipação do humano; ao propiciar o encontro de individualidades; ao possibilitar o compartilhamento de experiências; ao oportunizar situações onde o sonho, a imaginação, a criatividade e a criação se desenvolvam, essa escola acaba por oferecer condições para que as crianças vivam, nela, suas infâncias. Nesse sentido, apesar dos limites que apresenta, a escola de educação de crianças configura-se, também, como um importante espaço de resistência à dominação social sem voga.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A questão que nos moveu na pesquisa que deu origem a presente tese partiu da necessidade de compreender como as relações socioculturais tecidas nas escolas de educação de crianças interferem na construção da subjetividade infantil. A hipótese central que direcionou nosso estudo pautou-se no entendimento de que tais instituições se constituem em espaços privilegiados frente ao percurso de individuação das crianças.

Depreenderam-se desse pressuposto, três suposições: (1)- A Indústria cultural, ao criar mecanismos que inserem as crianças no universo adulto, ora como consumidoras, ora como mercadorias a serem consumidas, tem promovido a negação da subjetividade infantil; (2) - Dentro da escola de educação de crianças a tendência que tem marcado as relações socioculturais estabelecidas entre elas e os adultos é a de negação das suas subjetividades; (3) - As crianças estabelecem relações cotidianas que transitam entre a adaptação necessária e a contestação possível, produzindo assim, formas de resistência ao instituído.

Nesse contexto, nos dedicamos a identificar e analisar os elementos presentes nas situações relacionais estabelecidos na escola de educação de crianças que operam a favor da negação da subjetividade infantil e as resistências, a esse processo, produzidas pelos pequenos.

Diante de tal intento fez-se necessário compreender as características do movimento que tem consubstanciado tal negação. Movimento esse, que se expressa tanto na supervalorização das crianças, quanto no controle exacerbado sobre elas exercido.

As cenas do cotidiano infantil na escola de educação de crianças revelaram a permanência de uma concepção fragmentada e abstrata de criança e que oscila entre a romantização e a naturalização. Mediadas, na contemporaneidade, pela ação reificante da Indústria Cultural, reproduz um cenário que opera a favor da coisificação dos pequenos.

Contraditoriamente, entretanto, é na intensificação desses mecanismos que as crianças exercitam suas resistências e vão construindo- desconstruindo- reconstruindo suas subjetividades.

**REFERÊNCIAS**

ADORNO, T. W. A teoria freudiana e o padrão de propaganda fascista. Tradução de G. Pedroso. **Margem Esquerda: ensaios marxistas**, São Paulo, n. 7, p. 164-189, 2006.

\_\_\_\_\_\_. **Dialética Negativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_\_. **Educação e emancipação**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

\_\_\_\_\_\_. **Ensaios sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

\_\_\_\_\_\_.Indústria cultural. *In*: COHN, G (org.). **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986. p. 92-99.

\_\_\_\_\_\_. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_\_ *et al*. Introduction. **The Authoritarian Personality**. Nova York: Routledge, 1989.

\_\_\_\_\_\_. **Teoria da semicultura**. Disponível em: <www.geocities.com/Paris/Rue/5214/tadorno. htm> Acesso em: 18 mar 2006.

BARBOSA, M. C. **Por amor e por força**: rotina na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_\_.Práticas cotidianas na educação infantil - bases para a reflexão sobre as Orientações Curriculares. MEC/ SEB. **Projeto de cooperação técnica MEC e UFRS para Construção de orientações curriculares para a educação infantil**. Brasília, 2009.

# BENJAMIN, W. Sobre o conceito de História. In: \_\_\_\_\_\_. Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 222-232.

# \_\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinícius Mazzari; posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2002.

\_\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas I**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2014.

CORAZZA, S. M. **Infância e Educação**: era uma vez... quer que conte outra vez? Petrópolis: Vozes, 2002.

ERIKSON, H. E. **Infância e sociedade**. Ciências da educação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

HORKHEIMER, M. Teoria tradicional e teoria crítica. *In*: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 117-154. (Os Pensadores, v. 48).

\_\_\_\_\_\_; ADORNO, T. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_\_. Indivíduo. *In*: \_\_\_\_\_\_. **Temas básicos da Sociologia.** 2. ed. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1956. p. 45-60.

KRAMER, S. As crianças de 0 a 6 anos nas Políticas Educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 797-818, out. 2006.

\_\_\_\_\_\_. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. Trabalho apresentado no Seminário Internacional OMEP. Infância – Educação Infantil: reflexões para o início do século, Brasil, jul. 2000.

\_\_\_\_\_\_*et al*. **Infância e educação infantil**. Campinas: Papirus, 2002.

MARCUSE, H. **A ideologia da Sociedade Industrial**: O homem Unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

\_\_\_\_\_\_. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1997. v. I.

\_\_\_\_\_\_. **Eros e Civilização**. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_\_. **Razão e Revolução**: Hegel e o advento da Teoria Social. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PEREIRA, R. S.; CUNHA, M. D. A pesquisa na escola com crianças pequenas. 1: desafios e possibilidades. **APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, Vitória da Conquista, v. 5, n. 8, p. 113-130, 2007.

SOUZA, S. J. e. **Subjetividade em questão:** a infância como crítica da cultura. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

\_\_\_\_\_\_. **Tempo, memória e história de professores**: identidade e subjetividade em trans-formação. Trabalho apresentado noI Congresso Luso-brasileiro de Educação, Leitura e Escrita em Portugal e no Brasil, Lisboa, 1996.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WALLON, H**. A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

1. Doutora em Políticas Educacionais pela Universidade Nove de Julho; Mestre em Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares pela FE-USP; Especialista em Educação Infantil pela Universidade São Luís; Pedagoga (FE-USP); Bacharel em História pela FFLCH-USP, Licenciada em História e em Pedagogia pela FE-USP; Diretora de Escola de Educação Infantil da SME/SP. Participa dos grupos de pesquisa de Teoria crítica, formação e trabalho e de Formação de professores de educação infantil (GRUPEIFORPE) E-mail: [lupisaneschi@yahoo.com.br](mailto:lupisaneschi@yahoo.com.br) [↑](#footnote-ref-1)
2. O estudo empírico tomou como *locus da pesquisa* uma EMEI onde atuamos na gestão em função de duas razões: (1) - a hipótese de que a escol de educação de crianças funciona como um instrumento privilegiado na construção da subjetividade infantil; (2) - a compreensão de que a atuação profissional no ambiente da pesquisa nos possibilita refletir sobre a realidade vivida, bem como, nela atuar. Cf. KRAMER, 2002. [↑](#footnote-ref-2)
3. O termo imagético foi empregado no âmbito desta pesquisa como sinônimo de imagens oriundas de fotografias, pinturas e desenhos. Foram utilizadas como fontes documentais, também, reportagens, propagandas, revistas, livros e diários de viagem dos finais do século XIX e início do XX. [↑](#footnote-ref-3)
4. A pesquisa foi realizada com uma turma de 1º estágio com 27 crianças entre quatro e cinco anos escolhida após um período de inserção exploratória de um mês. Os critérios da escolha foram: a continuidade das crianças na EMEI no ano seguinte e a naturalidade com que lidaram com a presença da pesquisadora junto a elas. O trabalho junto aos pequenos teve uma duração de nove meses, excluindo-se o período exploratório. [↑](#footnote-ref-4)
5. Respectivamente, Sônia Kramer (2000;2002;2006), Solange Jobim e Souza (1996;2004), Maria Carmem Barbosa (2006;2009), Sandra Corazza (2002); Maria Isabel Ferraz Pereira Leite (1998) e, Lev Semyonovich Vygotsky (2010); Erik Erikson (1971) e Henry Wallon 2007). [↑](#footnote-ref-5)
6. Adaptação; autonomia; autoridade; experiência infantil; invisibilidade, linguagem infantil. [↑](#footnote-ref-6)
7. Cf. PEREIRA E CUNHA (2007). [↑](#footnote-ref-7)
8. O conceito de *scena* aqui utilizado remete à ideia de fragmento. Sua análise está vinculada às dimensões estética e filosófica, mantendo uma conexão com os estudos de Benjamin acerca das suas teses sobre o conceito de história. Nessa perspectiva sugerimos a leitura de: BENJAMIN, W. (2014); além da obra de Camargo (2014). [↑](#footnote-ref-8)